

SEVERO GARCIA

MARGINAIS



MARGINAIS

MARGINAIS

Severo Garcia



EDITORA MULTIFOCO

Rio de Janeiro, 2013

EDITORA MULTIFOCO

Simmer & Amorim Edição e Comunicação Ltda.

Av. Mem de Sá, 126, Lapa

Rio de Janeiro - RJ

CEP 20230-152

EDIÇÃO Paulo Sergio Rodrigues de Paula

REVISÃO Filipe Caldeira Furlan e Michele Nóbrega Garcia

FOTO Radilson Carlos Gomes

CAPA Natália Caruso de Matos

IMAGEM DE CAPA Flickr/Jyrki Salmi

DIAGRAMAÇÃO Leticia Caruso de Matos

Marginais

GARCIA, Severo

1ª Edição

Julho de 2013

ISBN: 978-85-8273-213-7

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem
prévia autorização do autor e da Editora Multifoco.

“Em todo caso, estamos em um desses momentos em que essas questões cotidianas, marginais, mantidas em um relativo silêncio, atingem um nível de discurso explícito, em que as pessoas aceitam não apenas falar delas, mas entrar no jogo dos discursos e tomar partido em relação a eles. A loucura e a razão, a morte e a doença, a penalidade, a prisão, o crime, a lei, tudo isso faz parte do nosso cotidiano, e é esse cotidiano que nos parece essencial”.

Michel Foucault, filósofo francês.

Introdução

Marginais - Adjetivo inscrito na parte lateral da vida. Aqueles que se situam nas bordas de um orifício. Daqueles que não aceitam os valores predominantes. Tudo aquilo que é produzido em pequenas porções e vive ou viveu à margem.

Estes são textos marginais.

1. Margem Móveis

“Tenía la edad aquella en que la certeza caduca...”

Jorge Drexler, músico uruguayo

Manuscrito à margem

A vida humana se revela em estórias.

Ninguém é sozinho um autor.

Não se fabrica assuntos estritamente humanos sem que as
teias das relações permitam consequências indefinidas.

É inevitável a ilimitabilidade, assim como o inevitável é
ilimitado.

A vida às margens.

Sujeitos à margem

Promíscuos, alienados ou irresponsáveis.
Perigosos, inespecíficos ou potencialmente prejudiciais.
Vida ativa para além de controles e de riscos.
Sujeitos à margem.

Estranho íntimo

Varrendo as reentrâncias do chão reaparecem as pequenas coisas esquecidas. Histórias de um tempo. Piso gasto doutro. As reentrâncias espelham movimentos, curvas, ângulos para dentro. Um plano comum de saliências que guarda a profundidade de não ditos. Fossem elas, pequenas pistas do obreiro que ali percorre sua vida, teriam elas a função de sentinela.

Esse estranho íntimo, rizoma, flagrado no cotidiano.

História de Vida

- “Xeque-mate!”

Disse-lhe olhando, fixamente, nos olhos.

A queda do rei e o silêncio.

A morte cala.

Móvel Projetado

Às seis horas desperta. Do café da manhã dirige-se ao trabalho. Escuta o silêncio ao lado enquanto espera. Curvado, ao destino chega, no caminho que a manhã cessa. Desperto, a fala ainda cega. E, por fim, na espera faz-se mudo.

Carnaval

para Paula Nascimento e Michelle Garcia.

Do Ipiranga ao Pitanguy.
Das margens plácidas
às margens flácidas.
A modernidade faz as formas
E deforma a singularidade.

Móvel Projetado 2

Com passos calculados sob um papel,
ocupa todos os pontos
mal interpretado pela dúvida.
Segue um brando pincel.
Medido, ser humano.

Homem-Sujeito

Com os pés plantados na água o tempo corre.
Sujeito-Homem nasce sobre a tutela do calendário.
Sujeito-Homem despedaçado entre o choro e o chorume.
Pobre coitado que se esqueceu de pagar a conta de luz
e deixou que os lugares dissessem para onde ir,
Homem-Sujeito.

Calçadas

Sujeitos pelos horários, pelos trabalhos, pelas condutas. As
meninices bocejam o caminho do colégio e as velhices se
governam pelos bichinhos de estimação...

Assim, transparecem os corpos sujeitos à movimentação
cíclica da mesma calçada toda manhã.

Móveis sob medida

Passo a passar.

Nome próprio

Unhas roídas até a raiz. Ardência na ponta dos dedos. O peito em ebulição. Uma sensação estranha percorre o corpo. Sozinho, sem desculpas ou consolos, desce os olhos sob a lista e não encontra seu nome. Lentamente retira-se até chegar ao cruzamento e sumir sem nome.

Morre

Morre grão a grão.

Olha e morre, ira imposta sem expressão.

Morre e sente, sem imprevisto ou contração.

Para e morre, como a quem foi com desatenção.

Segue e morre. Semblante ausente de aflição.

Chegadas e partidas

Perdi-me e encontrei-me. Era isso...
Estava só, como sempre, ninguém me disse.

Medo de Piscar

Na cadeira de exame oftalmológico:

- Por favor, pode piscar?
- Mas estou piscando!
- Digo piscar até o fim.
- Como assim?

– As pálpebras precisam se tocar. Não precisa forçar para piscar.

(...)

Apertando os olhos como se tivesse entrado areia ou respingado limão.

(...)

- Não precisa ter medo de piscar!
- Síndrome do medo de piscar.

Cuidado, você pode ser o próximo a não enxergar que não está mais piscando.

Gentileza

Por favor!

Faça a gentileza de não me generalizar.

Mesquinhez

Toda a mesquinhez de ser o mesmo, o próprio, o certo e o único.

Cartomante

Se o futuro pode ser o previsível, quantas esquinas irei dobrar
até chegar no amanhã?

Cegueira

Assim como cegos nas ruas, seguimos esbarrando nas calçadas.

Personae pública

A máscara pública deixa expressar-se nos espaços urbanos.
Sentimentos íntimos e angustias são partilhadas como quem
diz estar sozinho.

Pessoa pública tem outro vocabulário:
desejo de ser deixado só e continuar só.

Passageiro

Era onde já estava...
Mas não encontrava
...ou porque não era ou não passava.

Segredos

Hoje não vou trabalhar para pagar as contas, não vou aguar as plantas. E, não vou mais lavar as roupas.

A quem estou enganando?

Chega de segredos!

Ponto final.

Riscos

Atravessar a rua, pedalar na calçada, correr na pista, mudar de direção... Há muitas maneiras de se encontrar em risco.
Traçar um caminho, esboçar uma obra, desenhar a vida, seguir uma direção... Há muitas maneiras de se encontrar um risco.

Primeiros passos

Chega em casa com o pão embaixo do braço.

Escuta o silêncio do espaço.

E, seus primeiros passos...

São os últimos.

Já-mais

Jamais consegui tudo que quis. Nunca fiz tudo que imaginava. Já esperei por horas um ônibus na parada. Nunca surfei em lugar nenhum. Já pensei em furar fila. Nunca votei em branco. Já corri da chuva. Nunca acreditei no Papai Noel. Já esperei o telefone tocar. Nunca passei fome na infância. Já virei dias estudando. Nunca pensei que o tempo envelhecia. Já tomei decisões durante o banho. Nunca sei a hora certa de dizer certas coisas. Já fiquei irritado e me calei. Nunca sei quando é o momento de se dar um abraço carinhoso. Já esperei pelos outros. Nunca briguei de soco. Já sonhei com coisas ridículas. Nunca quebrei nenhum dente. Já fiquei banguela. Nunca havia percebido como é chato passar roupa. Já acordei sem ninguém ao lado. Nunca pensei na morte dos meus pais. Já chorei sozinho na rua. Nunca disse: - 'Foi melhor assim'. Já vi filhos chorando pela falta dos pais. Nunca sei quando devo desistir sem argumentar. Já quis jogar tudo para alto e não olhar para trás. Nunca pensei numa UTI sem janelas. Já fiquei feliz porque pude ajudar quem precisava ser escutado. Nunca achei que seria difícil torna-se adulto. Já consegui roer as unhas até sangrar. Nunca imaginei que estamos sempre sós. Já entendi que há pessoas que preferem não mudar. Nunca tive uma ressaca sem dor de cabeça. Já vi maldade com sorriso no rosto. Nunca saí ileso daquilo que vivenciei. Já sofri calado. E, já consegui dar risada de mim mesmo, mesmo daquilo que doeu dizer.

2. Margem Retrato

*“isso aqui
acaso
é lugar
para jogar sombras?”*

Paulo Leminski, escritor curitibano

Os retratos

Os retratos guardam os sorrisos embalsamados pelo frágil papel. Vestígios de lugares, climas, cheiros, temperaturas; nada permanece. Todos somem com o passar do tempo.

Margem

Margem: contorno externo e imediato de algo.

Margear: situar-se em uma relação.

Marginal: sujeito que beira a vida.

Marginalista: adepto à criação de anotações em imagens.

Maquiagem

Levante-te e olha. Vê o que a noite fez de ti.

Celofane

A transparência revoltante da vida deixa clara a vista.

Espelho

Sem sorriso, nem choro.
Foi assim que te encontrei no espelho.

Códigos

Senhas e acessos... Horizonte finito...
Papel presente para embrulho. E, se quiser trocar, não
arranque a etiqueta.

Máscara

A proteção do cotidiano se revela...
Discreta discrição do ser homem que habita um dos lados.

Contorno

Do alto o contorno é desigual. De cima tudo parece infinito.
Por baixo não há escapatória. No chão, o detalhe marginal
desaparece.

Um drama.

Barra

Leito tosco e sem cabeceiras. Qualquer acabamento alongado, estreito, reto, rígido. Peça de madeira, metal, barro. Azulejo ou gaiola. Sabão em barra. Palavras em barras.

Capa

para Filipe Furlan.

Substantivo feminino

1. Rubrica particular: roupa sem veste. O que inicia e guarda um sujeito, um segredo. Margem-fachada, um redor. Protege.

Disfarça. Confunde.

2. Rubrica social: pedaço tecido, em geral retangular, que denuncia “quem” fala. Símbolo de poder. Capa do papa. Capa de cavaleiro. Capa do Batman.

Menino sem espelho

Fosse a casa humilde;
Fosse a vida pobre;
Fosse o dia sem hora;
Fosse o menino sem espelho.

Nu

Sentei sobre as palavras e delas tirei o que pude.
Sem reservas, fiz do pranto o espanto.
Se não fosse o branco seria nu.

As cores

A relação com as cores começa antes mesmo de conseguirmos lembrar a nossa própria vida.

A cor vem antes de tudo.

O branco

Se o branco é a presença de todas as cores, não sei!

Desinteressa.

Pensar em (no) branco tranquiliza.

O preto

No quarto excessivamente abafado, a odisseia teve início.

Tudo terminou numa só cor: o preto.

Ele surgia enquanto as pálpebras caíam sobre os olhos.

Dúvida

No princípio tudo era branco. Depois ficou frio. A neve caía lentamente e o ar pesava. A cada expiração, uma dura força era necessária para inflar os pulmões. As montanhas eram fundas. Primeiro, pensei: “Estou vivo?”. Logo, descobri. A ardência na ponta dos dedos respondia a dúvida. Perfeitamente inacreditável, como se o tempo e o vento houvessem cessado. Dir-se-ia que podia estar no céu, mas não. Estava só.

Sonhos

Incomensuráveis, breves e lacônicos.

Um deleite exclusivo, um prazer privado.

Infiéis, mentirosos e adúlteros. Estúpidos e espertos.

Censuráveis e tortuosos. Dignos e angustiantes.

Espalhados, esparramados, eternos e imortais. Lampejos.

Inter-ditos, iné-ditos, entre-ditos, pre-ditos, ditos reprimidos.

Vento

Sonhos são como o vento.
Volta e meia dá vontade de voar junto.

Fresta

A noite tomou conta do quarto.
Não deixou nenhuma fresta de luminosidade,
nem desfez o sonho inútil da tormenta que não vinha.

Manhã

Naquela manhã o cheiro era morno e ardia às narinas. As paredes pareciam úmidas e o ar carregado. Os pequenos pontinhos de sol atravessavam os vãos da persiana. Já era meio dia quando acordou. Os passos no assoalho anunciavam o movimento na casa. Com certeza era almoço, pois o barulho revelava o alvoroço. E a vida começava. Mais um dia. Um dia para viver outro para morrer. Não há dia que não desafie a vida. Esse era mais um.

No escuro

Mesmo acompanhado, no escuro sinto-me só.

Escuridão

Abro os olhos no escuro e a noite fala de ninguém.
Escondo as palavras em segundos e perco a vontade de me
ver.
Tantas coisas esquecidas entre vindas e idas.

Arnaldo Antunes

Vendo o Arnaldo estranhamente estranhei que ser estranho já deixou de ser estranho.

Barba

Em frente ao espelho o velho enxerga o novo.

Despedida

Às vezes, a gente vai sem bilhetes,
Às vezes, a gente volta sem recibo.

Novos cabelos brancos

O passado marca o que ficou. Provavelmente, o registro mais claro e frágil que permanece na memória. E, alguns novos cabelos brancos sempre surgem.

3. Margem Comum

*“Nas semicoisas das coisas
Outras versões da verdade
Do outro lado do espelho
Outro dobro metade”*

Paulinho Moska, músico brasileiro

Anúncio-Poesia

Missa aos domingos, berçário, oficina mecânica, aqui fotos
3×4, martelinho de ouro, lava-jato, cozinha variada, chaveiro,
gasolina comum, conserta-se relógios, cabeleireira, 40 km/h,
aberto 24 horas.

Tudo estampado na cidade.

Ônibus

Gente entra e gente sai. Levam consigo uma escritura.
Os pontos não esperam, não avisam. Cada passageiro previne
sua distância sem demora.

Comum

Aeroportos, autoestradas, quartos de hotel, transporte público.
Sinta-se, mas não se comporte como em casa.

Dobradiça

Entre 45° graus há um mundo de possibilidades.

Calendário

Houvesse uma data que pudesse ser possível um tempo infinito. Horas inacabadas e vida sem fim. Um eterno pesadelo de ser sem nunca deixar de ser.

Noite

Noite ventosa, daquelas em que as janelas assobiam.
Noites de fortes ventos, daquelas em que os ouvidos não
descansam.

Mar e neblina

Hoje as ondas foram fortes,
o mar avançou mais do que noutros dias.
Hoje a neblina se encontrou com o mar,
não pareciam felizes.

Às vezes, entender-se é se afastar.

Até

Rui até sangrar,
agora podia sentir a vida.

Contrato

Prometo-te uma morte não violenta, mas deixo-lhe à miséria e à própria sorte. Vida urbana.

História para contar

Quem não tem uma história para contar?
De duas, uma: ou não viveu ou não tem paciência para contar.

Mantenha-se vivo

Talvez tenha sido aquela frase perdida no muro que tenha mudado tudo, mas não posso garantir. Embora, muitas vezes ela tenha surgido em meus pensamentos:

“Mantenha-se vivo”.

(A)gente

Homenagem ao sambista Zé Ketti.

(A)gente morre sem querer morrer.

(A)gente vive sem querer viver.

(A)gente vive morrendo.

(A)gente morre vivendo.

À deriva

Poderiam ser as contas atrasadas, poderiam ser as dívidas, mas não. A preocupação era outra. Sobretudo, a vergonha de admitir que suas escolhas e opções feitas até aquele dia tinham sido feitas sem paixão ou sem desejo. Simplesmente à deriva.

Depois

Com a boca entreaberta e com olhar vago desligou o telefone.

Não entendia.

Haviam tomado café juntos pela manhã.

As lágrimas não vieram.

Acidente

A irmã era a lembrança mais feliz que permanecia em sua memória durante anos. O sorriso solto, a sua puerícia, a sua impulsividade, tudo era surpreendente nela. Nunca imaginou que pudesse perdê-la num piscar de olhos. Infortúnios acontecem em todos os lugares e a todos. Num dia ela estava lá, dando risada. No outro estava deitada imóvel. As cores se foram.

Os restos

A morte causa espanto por seu curso calmo, pelo ritmo linear da passagem. A destruição causa surpresa, pela fantasia, pela travessia deserta das impressões, pelo cheiro imaginário dos lugares, pela ausência de luz.

Tempo

Cedo ou tarde a hora chega, no encontro ou desencontro com
a vida.

Cedo ou tarde tudo muda. O tempo é... Já foi. E, será.

Cedo ou tarde, quem sabe já, na porta estará a espera de outro
tempo.

Assento

Neste banco ordinário desejo que passe o tempo.
Vã tentativa de que as pessoas e as situações mudem.

Nem (um)

Há um num só? Ou, a um só num? Nem um... Nem outro.
Há só um? Ou, num se faz outro? Nem tanto... Nem pouco.
Outro, outro, é um só?

Era tarde

Com as pernas agitadas engolia em seco. Era tarde! Era noite e ainda cedo. Era solidão. Uma improfícua tentativa.

O vinho barato, o branco-companhia, rabiscos, a espreita em vir.

Um breve adeus... Era tarde?

Em um minuto

Em um minuto tudo muda. O tempo fracionado se torna inteiro e impõe. A calma ou espanto não basta num só momento. Malditos segundos que separam o encontro, que malogram a espera. Há tempos perdidos entre desencontros. Horas, minutos num acontecimento breve. Breve suspiro, breve bocejo de um passado. Ai, ai...

Recôndito espetáculo

A noite, espetáculo, vida e sobrevivência daqueles desligados pelo
dia.

Noite escuridão e esconderijo da solidão.

Notívago

Você já passou uma noite sem que à noite lhe passasse?

Vias

Escuridão, luzes, velas. Taxistas sonolentos e vigias repousando. Noite: trajeto das vontades, sejam quais forem.

Kafka cafezinho

O presente é confete, pão com manteiga e cafezinho no boteco da esquina.

Nós, olhos e buracos negros

Binariamente encontramos alinhamentos. Circularmente buscamos arredondamentos. Linearmente fazemos agenciamentos. Inversamente impomos regulamentos.

Esperança de vida

Em uma viagem, passo de uma esperança à outra. Se no Japão morro aos 79 anos, na Uganda morro aos 42 anos. Um dia de distância e metade de uma vida é a diferença do corpo abaixo do solo.

Distâncias

para César Bardi.

Meu amigo, as distâncias nos aproximam do que somos.

Nem sempre acompanham o tempo ao longo do espaço.

Meu amigo, no rol dos amigos o anacrônico não existe.

Nem sempre o cronológico é o que dá sentido.

Meu amigo, se o papel marca as experiências, as distâncias não
marcam sua época.

Nem sempre epistolar os momentos significativos e afetivos
da vida são possíveis.

Mas, meu amigo! Posso encontrar-te naquilo que sou.

Amizade

Há dias em que basta o telefone tocar que aquela velha amizade recomeça do ponto em que parou.
Amizade deveria ser verbo no infinitivo.

Trânsito

Pão, leite, arroz, mortadela (sinaleira).
Será que amanhã vai dar tempo? (vire à direita).
Dor de dente (mão na buzina).
Como ando engordando... (trânsito parado).

Linha do Tempo

Os sulcos das mãos revelam por onde passaram os anos. O que os sulcos dos anos revelam?

Tomadas

Nem tomadas, nem baterias.
Amanhã será o ontem do depois de amanhã

Marinheiro

Nada do que foi testado é apropriado, duradouro ou garantido. Nenhum marinheiro pode encontrar um itinerário seguro, senão navegar entre dois.

Manifesto

Queria que todos pudessem se tocar sem medo de poder achar
que ser louco é doença, mas que pode ser elogio.

Diríamos: Vai ser louco um pouco e veja se não descobre a
beleza mais de perto. Vá batucar, bater palmas, encontrar o
riso e pergunte pelo sorriso por onde se escondeu. Abra a
porta e pergunte por quem não conhece ou nunca viu.

Descubra a comédia no drama e, se possível, ria, ria alto, ria
desenfreadamente. Ria.

Sadismo

Livro é para ser arrombado

Ontem louco

Ontem louco, imaginei que anteontem poderia ser um pouco
mais louco.

Hoje louco, imaginei um teatro de loucos correndo por uma
manhã louca ainda que não chega.

Contagiar

Queria transmitir alegria, exercer influência sobre a vida, afetar e atingir quem não se conhece. Corromper os dias e decompor as horas. Poluir mentes com ideias.

Queria ser uma doença contagiosa de reprodução involuntária a reação alheia.

Queria uma distribuição de probabilidade que dependessem de parâmetros nunca existentes.

Se o contágio é frequentemente causa de mudanças linguísticas, contagiar é subverter.

Vida Instante

A cada instante um toque nos revela que somos pouco,
somos muitos.

A cada abraço deixamos uma vida, uma cidade, um planeta.

A cada vida uma incerteza nos mostra que somos muito,
somos poucos.

Epílogo

Nada é um pouco de tudo.
E, tudo é um pouco de nada.

Índice Remissivo

Introdução	9
1. Margem Móveis	11
Manuscrito à margem	15
Sujeitos à margem	16
Estranho íntimo	17
História de Vida	18
Móvel Projetado	19
Carnaval	20
Móvel Projetado 2	21
Homem-Sujeito	22
Calçadas	23
Móveis sob medida	24
Nome próprio	25
Morre	26

Chegadas e partidas	27
Medo de Piscar	28
Gentileza	29
Mesquinhez	30
Cartomante	31
Cegueira	32
Personae pública	33
Passageiro	34
Segredos	35
Riscos	36
Primeiros passos	37
Já-mais	38
2. Margem Retrato	39
Os retratos	43
Margem	44
Maquiagem	45
Celofane	46
Espelho	47

Códigos	48
Máscara	49
Contorno	50
Barra	51
Capa	52
Menino sem espelho	53
Nu	54
As cores	55
O branco	56
O preto	57
Dúvida	58
Sonhos	59
Vento	60
Fresta	61
Manhã	62
No escuro	63
Escuridão	64
Arnaldo Antunes	65
Barba	66

Despedida	67
Novos cabelos brancos	68
3. Margem Comum	69
Anúncio-Poesia	72
Ônibus	73
Comum	74
Dobradiça	75
Calendário	76
Noite	77
Mar e neblina	78
Até	79
Contrato	80
História para contar	81
Mantenha-se vivo	82
(A)gente	83
À deriva	84
Depois	85
Acidente	86

Os restos	87
Tempo	88
Assento	89
Nem (um)	90
Era tarde	91
Em um minuto	92
Recôndito espetáculo	93
Notívago	94
Vias	95
Kafka cafezinho	96
Nós, olhos e buracos negros	97
Esperança de vida	98
Distâncias	99
Amizade	100
Trânsito	101
Linha do Tempo	102
Tomadas	103
Marinheiro	104
Manifesto	105

Sadismo	106
Ontem louco	107
Contagiar	108
Vida Instante	109
Epílogo	110

Este livro foi composto em Garamond pela
Editora Multifoco e impresso em papel offset 75 g/m².

Escritos marginais de um homem marginal. Severo Garcia nos presenteia com reflexões incomuns, extemporâneas e excêntricas. De uma excentricidade poética e crua, bela e dura. De uma extemporaneidade sobre-contemporânea. Por que se o incomum pode constituir-se como marginal, o autor amplifica o ruído do que passa despercebido no cotidiano mundano. Demonstra como ordinário muito do que julgamos extraordinário. Somos arrebatados para um mundo de detalhes e detalhamentos angustiantes, ora cáusticos, ora melancólicos. Não somos convidados, somos impelidos a olhar através das lentes do autor para uma realidade evitada. Inevitavelmente experimentamos cores, sabores e odores pouco desejáveis, mergulhamos num mar de restos e descartes.

Em "Marginais", Severo Garcia brinca e brinda com o escuso e nos faz um convite sedutor e irresistível: amar a natureza humana, ainda que imperfeita, ainda que inacabada.

Paula Thais Avila do Nascimento

